



OVERWATCH®
DEADLOCK
REBELS



CAPÍTULO 1
BY LINDSAY ELY



CAPÍTULO

1

O lance da encrenca é que, quando você começa a andar com ela, é difícil se afastar. Você pode tentar evitar, fugir ou até mesmo lutar — foi o que Ashe fez no caso dos irmãos Bonney —, mas a encrenca sempre dá um jeito de encontrar você. “Eu não sei nem o que dizer, Elizabeth.”

Havia farelo de pão no bigode do Xerife Carson. Não muito, mas o suficiente para chamar a atenção dela, vestígios do café da manhã do sujeito. “Quando isso vai acabar?”

“Eu já disse...”

Ashe rilhou os dentes enquanto mexia na saia de seda. Algumas horas antes, ela estava imaculada. Agora, estava amassada e manchada de sangue. Não seu, claro. “Foi legítima defesa. Eles que me atacaram.”

O xerife suspirou. Algumas migalhas se soltaram e voaram na tela que mostrava o registro criminal de Ashe. “Não foi isso que aqueles garotos disseram.”

“Bom...”,

disse ela, encarando-o. “Então, além de valentões, eles também são mentirosos.”

Mas o xerife não acreditava. Ela via isso no rosto dele, nítido como as migalhas de pão. Não que aquela desconfiança fosse inesperada. A única surpresa era a rapidez com que o dia conseguiu ir de mal a pior. E tinha começado tão bem. Pela primeira vez em milênios, Ashe acordou com o nascer do sol, animada com o dia. Quase todas as manhãs começavam com B.O.B., o mordomo robô da família, puxando os lençóis cinco minutos antes da hora de ela sair. B.O.B., um ômnico avançado e consciente, estava ao lado de Ashe desde que ela se entendia por gente servindo de companheiro e guarda-costas. E, claro, garantindo que ela acordasse na hora da escola. Mas, naquele dia, ela não precisou de B.O.B. Aquele dia era especial. Era a sua formatura. Isso significava que nunca mais precisaria pisar nos corredores sufocantes da academia chata

e deprimente, que ela veria a expressão na cara de fuinha do diretor Wallach quando ele lhe entregasse o diploma que nunca imaginou que ela conseguiria. A mesma expressão que ela esperava ver na cara dos pais quando subisse no palco. Ashe tomou banho, vestiu-se e escovou os cabelos alvos até ficarem brilhando. Então, desceu a escadaria da Mansão Rosa de Chumbo, a casa centenária da família, pulando um degrau e foi até a sala de jantar formal, onde seus pais sempre tomavam café da manhã. Mas, quando chegou, a sala estava vazia. Nenhuma xícara de café fumegante, nenhum holovídeo projetando relatórios financeiros e gráficos de vendas intermináveis, nenhum pai. Apenas um vaso de rosas completamente brancas sobre a mesa de mogno com um cartão apoiado. Parabéns, Elizabeth! Estamos muito orgulhosos de você! Apesar das palavras calorosas, Ashe ficou fria ao ler. A cor se esvaiu do cômodo até ele ficar tão desbotado quanto as rosas. Sabemos que prometemos que iríamos; contudo, fomos afastados por uma promissora fusão no último instante. Mas estamos muito orgulhosos de você e esperamos que veja isso como um recomeço, uma chance de deixar para trás os erros e problemas do passado e finalmente abraçar o legado da nossa família. Eles nem sequer tinham assinado. Ashe franziu o cenho. “Estamos muito orgulhosos de você...”

Parecia piada. E das ruínas. Se estavam tão orgulhosos, por que não estavam ali? Por que a deixaram sozinha, de novo? Legado da família. Que piada. Do outro lado da sala, o retrato de sua tataratatarabis-tataravó Caledonia a encarava com um olhar vazio. Foi Caledonia que criou a Companhia de Armas Arbalest e abriu caminho para a empresa se tornar a potência do comércio de armas de alta tecnologia que era hoje. Não os pais de Ashe, que preferiam tagarelar e buscar acordos com executivos de corporações mais poderosas — como a Hélix, a Vishkar, a Hyde Global e as outras —, vivendo de uma reputação que não conquistaram. Eles tiveram foi sorte. A Arbalest já fazia bons negócios havia anos como fabricante de rifles de luxo caros e extremamente personalizáveis. Aí estourou a Crise Ômnica e os militares voltaram a atenção para ela. O rifle Arbalest AA92 tornou-se a arma padrão do exército por seu potencial e velocidade de disparo superiores. Com esse contrato, a demanda pelos rifles da marca explodiu. A guerra era boa para os negócios. Principalmente uma guerra longe de casa. Cidades maiores foram afetadas pela guerra, claro, mas Belleræe, a comunidade onde moravam e onde ficava a fábrica da Arbalest, permaneceu isolada. Antes da crise, a cidade nunca havia visto mais que uma dezena de ômnicos. Ela permaneceu quase intocada durante a guerra e as fábricas da empresa aumentaram a produção. Mas agora a crise havia acabado, graças à Overwatch. A demanda por armas estava baixa; uma fábrica da Arbalest em Belleræe já havia fechado. Os pais de Ashe estavam mais interessados em acordos feitos a milhares de quilômetros de distância do que na comunidade onde a empresa havia prosperado por gerações. Que tipo de legado era esse? Logo abaixo da pintura ficava uma herança de família, o rifle Víbora, uma das primeiras criações da Arbalest e a espingarda que sedimentou o lugar da empresa no mercado de armas. Com mais de um século de idade, a arma ainda parecia nova e atirava bem. Inovação. Qualidade. Esse era o legado que Caledonia buscava, nunca deixar a Arbalest para trás, contratando os melhores e mais brilhantes cérebros que encontrava e fazendo todos os trabalhadores se sentirem valorizados — estavam mais para uma família do que para funcionários. Não que ela fosse mole: dizem que ela fazia todos os funcionários a chamarem de Srta. Ashe, mesmo quando já se conheciam havia tempos. Talvez como sinal de respeito. Ou talvez ela odiasse Caledonia tanto quanto Ashe odiava Elizabeth e também preferisse ser chamada pelo sobrenome. Ashe se virou quando passos tilintantes se aproximaram. B.O.B. estava no vão da porta da sala de jantar, com uma bandeja equilibrada delicadamente sobre suas enormes mãos metálicas. Era o que ela mais gostava de comer no café: waffles pingando de tanto xarope de bordo e uma fatia de bacon supercrocante. Um gosto amargo lhe subiu pela garganta. “Eu lá tô com cara de quem tá com fome?”

disparou. O ômnico apenas piscou e depositou a bandeja sobre a mesa. Ashe sentiu, imediatamente, uma pontada de remorso. B.O.B. não havia feito nada de errado. Na verdade, ele era a única constante na vida dela. Exceto, é claro, durante a guerra, quando ele desapareceu. Como todos os ômnicos, ele desaparecera

durante a Crise Ômnica. Anos se passaram e Ashe achou que jamais veria o mordomo outra vez. Ela se surpreendeu ao perceber a falta que sentia do ômnico durante sua ausência. Então, quando a guerra acabou, ele voltou para Rosa de Chumbo, consciente e... diferente, de formas que Ashe jamais compreendeu. Mas ainda era o companheiro de que ela se lembrava. E sempre estava ao seu lado. Ao contrário dos pais. “Eles podiam ter pelo menos se despedido.”

A voz falhou na última palavra. Ela ficou tensa, com raiva tanto de si mesma quanto dos pais. Não era a primeira vez que eles a deixavam sozinha sem falar nada e provavelmente não seria a última. Até onde ela lembrava, só havia a solidão crescente e ecoante da mansão, principalmente nos anos sem B.O.B., ou então o véu de reprovação dos pais por qualquer encrenca em que ela estivesse metida. Torceu o cartão. Então por que estava tão irritada? Porque aquele dia deveria ser diferente. A formatura parecia mesmo ser importante para eles. Talvez eles apenas quisessem mostrar, em público, que a filha não era só uma encrenqueira. Que era mais que uma garota que foi pega tentando convencer o hacker do colégio a mudar todas as notas dela e que fez a escola ser fechada para descontaminação porque estava se exibindo com um estilingue no laboratório de ciências. Ou talvez, como Ashe esperava, era uma razão para eles finalmente acreditarem que ela era capaz de fazer alguma coisa direito. Ela havia prometido que se formaria. E eles haviam prometido que iriam. Tola que era, Ashe acreditou. Na mesa, as rosas se banharam em um raio da manhã e ficaram claras como uma mira em um alvo. Era isso o que ela queria fazer com o gesto pacificador deles: usá-lo de alvo e ver o presente explodir em um estouro de pétalas e cristal. Se a Víbora estivesse carregada, talvez ela tivesse atirado. Em vez disso, largou o cartão na lareira e marchou em direção ao corredor. Ao passar por B.O.B., ele esticou o braço e a deteve. Ashe suspirou. “Não se preocupe, eu vou para a porcaria da cerimônia!”

B.O.B. fez um aceno com a cabeça.

“Não, não precisa do carro. Eu quero ir andando... sozinha.”

O ômnico levantou a mão em advertência.

“Eu sei, eu sei. Não posso fazer isso.”

Mas Ashe não estava com vontade de seguir as regras. “Mas, antes de sairmos, pode pegar meu bracelete de ouro? Aquele que meus pais me deram de aniversário ano passado, lembra? Eu esqueci de pôr.”

Obediente, B.O.B. se virou e subiu a escada. Geralmente, o mordomo a levava ao colégio. Mas, naquele momento, Ashe não queria companhia. Então ela o distraiu com uma mentirinha. Quando ele percebesse que o bracelete não estava no quarto dela (a mãe de Ashe pegou emprestado meses antes e nunca devolveu), já estaria longe. Seguiu para a cidade pelo caminho ao longo do rio. Como esperava, ele estava deserto, exceto por alguns patos e um ou outro drone de segurança policial. Mas, mesmo com a solidão, seu humor não melhorou. E ela não tinha nenhum amigo para quem ligar e desabafar. A condição de filha da poderosa família Ashe afastou os colegas durante quase toda a sua vida. E o fechamento recente de uma fábrica da Arbalest deixou vários familiares de seus colegas de turma desempregados. Para alguns, o distanciamento se tornou raiva, o que resultou em várias brigas no pátio. A formatura e a fuga da academia não poderiam vir em hora melhor. Mas, sob as copas ornamentais das árvores terraformadas ao longo do rio, ela podia respirar melhor. Podia esquecer, por um instante, a solidão sufocante da mansão e fingir que estava em outro lugar, que era outra pessoa.

“Ora, ora, que passarinho é esse que madrugou?”

Ashe parou e perdeu completamente a calma. Ela se virou já sabendo quem encontraria em seu encalço: Jodie e Jimmy Bonney. Eram um ano mais atrasados, e não havia ninguém em Belleræ que odiasse mais Ashe e

sua família que aqueles dois. Os pais dos garotos trabalharam na Arbalest por décadas até serem demitidos sem cerimônia quando a fábrica fechou.

“Ora, Jodie.”

Jimmy riu. “Deve ser o raro pavão de olhos vermelhos. Estranho, geralmente esse passarinho é acompanhado por um mordomobô grande e pesado.”

Ótimo. Aqueles dois brigões eram a última coisa de que ela precisava. “Vão embora, meninos. Eu não estou com paciência.”

“Não precisa ser grossa”,

disse Jodie, trocando um sorriso matreiro com o irmão. Ashe não gostou daquilo. Eles podiam ser mais novos, mas eram maiores. “Final, hoje é a sua formatura, não é? Parabéns! Mas conta pra gente: quanto seus pais doaram para fazer isso acontecer?”

Ashe ficou irritada, mas não demonstrou. “Não sei. Provavelmente bem menos do que seria preciso para fazer o diretor Wallach passar uma dupla de paspalhos desmiolados feito vocês.”

Os dois Bonneys ficaram sérios ao mesmo tempo.

“Você se acha tão espertinha”,

desdenhou Jimmy. “Não é porque você tem uma fortuna que pode falar assim com a gente.”

O sangue de Ashe ferveu, cheio de adrenalina. Com um sorriso sarcástico, disse: “Rapazes, rapazes...

mesmo se eu não valesse a terra nos meus sapatos eu seria melhor do que vocês.”

Não era o que ela deveria dizer, mas não conseguiu se controlar. Estava transbordando de frustração, e se os Bonneys eram idiotas o bastante para ficar no caminho dela, então ia ser assim. A voz de Jodie ficou afiada.

“Não valer a terra nos sapatos, é?”

Ele se agachou e pegou um punhado de terra. “A gente pode fazer você sentir como é isso, não é, Jimmy? Vamos deixar esse pavãozinho um pouco mais desajeitado para a festa.”

Ashe se endireitou com o sorriso no rosto. Dois contra um? Ela já havia encarado situações piores. Jimmy avançou e tentou agarrá-la, mas foi lento de várias maneiras. Ashe deu um passo, saiu de seu alcance e desferiu um chute. Jimmy guinchou quando o pé dela o atingiu no queixo e saiu rolando na grama. Uma mão prendeu o antebraço de Ashe. Jodie, mais rápido que o irmão, a puxou com força, tentando dominá-la com um aperto. Mas ela se desvencilhou no último segundo e acertou a barriga dele com o ombro. Ele arfou e cambaleou, sem ar. Jimmy, por sua vez, se levantou com dificuldade, vermelho de humilhação.

“Já acabaram?”

Ashe cuspiu. “Eu não tenho o dia todo, sabiam?”

Com um rugido, Jimmy avançou outra vez, os punhos no ar. Ela se desviou do primeiro soco, depois do segundo — socos fortes que teriam dado um jeito nela se tivessem acertado. Mas Ashe sabia se esquivar de

um soco. E sabia desferir um também. Ela esperou uma abertura e... Seu soco correu e acertou a boca do rapaz em cheio. Jimmy caiu de joelhos com sangue escorrendo pelos lábios.

“Sua...”

Foi Jodie que falou, com palavras graves e frias. “Agora nós vamos deixar você muito mais desajeitada.”

De repente, algo prateado brilhou na mão dele. Uma faca. Ashe recuou nervosa. Talvez provocar os garotos daquele jeito tivesse sido um erro. Brigar era uma coisa, aquilo era outra. Mas Jodie não deixou margem para conversa. Com os olhos injetados de raiva, ele deu uma estocada. Ela deu um passo para o lado, agarrou o pulso que segurava a arma e jogou o cotovelo para cima. Acertou o nariz dele com um estalo agradável. Enquanto Jodie se juntava ao irmão no chão, a faca caiu de seus dedos. Ashe a pegou e brandiu enquanto se afastava da dupla. Foi quando as sirenes começaram a tocar. Surgiu um par de motos policiais de Belleræ com as luzes piscando. Percebendo que os drones policiais deviam ter visto a confusão, a menina se virou, mas um terceiro policial já estava atrás dela.

“Parada!”

O delegado desceu com o rifle apontado para ela. Ashe soltou um palavrão e largou a faca. Adeus, formatura. “Você foi encontrada portando uma arma branca”,

prosseguiu o Xerife Carson, carrancudo, “e os dois garotos sangrando juram que foi você que os atacou.”

“Eu sei o que está parecendo.”

Ashe tentou amenizar a situação sorrindo da forma mais inocente que podia. Não foi fácil, não enquanto pensava em estrangular os Bonney pelas mentiras. “Se você me deixar...”

“Já chega!”

O xerife esmurrou a mesa. “Você sempre tem uma desculpa, Elizabeth. Você acha que pode fazer o que quiser e depois se esconder atrás do seu nome.”

Ashe riu. “Isso não é ver...”

“Dessa vez isso não vai acontecer”,

disparou ele. “Levante-se!”

“Hein?”

Ele a agarrou pelo braço e a puxou para ficar de pé. “Ei!”

“Se você tiver algum tempo para pensar, talvez aprenda a ser um pouco mais humilde.”

Arrastando Ashe, o xerife saiu da sala e desceu o corredor até chegar a uma parte escura da delegacia que ela nunca tinha visto. As celas.

“Ah, qual é, Xerife?”,

implorou ela. “Não precisa de nada disso. Chama o B.O.B., ele vai chegar aqui num piscar de olhos...”

“Ah, eu sei.”

O xerife Carson destrancou uma das celas e a empurrou para dentro com um sorrisinho no canto da boca. “O dinheiro dos seus pais vai te salvar outra vez e ninguém vai reclamar, porque eles são donos de metade da cidade. Mas dessa vez eu não estou com pressa. E você é menor de idade, então não pode pagar a fiança sozinha. Então, eu vou fazer uma ligação... depois. Mas só quando você estiver acostumada com a cela.”

A porta se fechou com uma pancada.

“Espera, por favor...”

Ashe tentou ficar calma enquanto o xerife ia embora, mas não conseguiu. “Droga, xerife, volta aqui!”

Mas ele a ignorou. Ashe murchou segurando as barras da cela enquanto ele desaparecia. O xerife não escutaria. Ele nunca escutava. Como todo mundo naquela cidade desgraçada, incluindo seus pais, ele já havia decidido quem Ashe era... e quem ela sempre seria. Uma herdeira mimada. Uma encenqueira. Uma ameaça ao orgulho deles. E não importava se ela pensasse diferente.

“Hum...”

A voz veio de trás dela. “Você é bem durona para uma riquinha.”

Ela se virou na direção do som. “Como é que é?”

Em uma cela ao lado, uma forma magra estava reclinada com os pés sobre o banco e um chapéu cobrindo o rosto. “Uma riquinha. Só pode ser isso, com essa roupa chique.”

A voz dele era grave e suave.

“Fica na sua.”

Ele deu um riso abafado. “O que te fez dar um passeio dentro de uma cela?”

Ashe apertou os olhos. “Não é passeio coisa nenhuma. Eu não deveria estar aqui.”

Ele ergueu o chapéu, revelando-se um rapaz com um sorrisinho sarcástico e olhos castanhos penetrantes, um dos quais estava machucado e inchado. “Engraçado. Nem eu.”

“Ah, sério?”

Ashe riu. “Não é o que esse olho roxo diz.”

“Isso aqui?”

O rapaz se endireitou no banco e apontou para o machucado. “Um amigo meu teve um... desentendimento com um fazendeiro. Eu intervi para resolver a situação.”

“Não estou vendo mais ninguém aí com você.”

Ele deu de ombros. “Ele já tem um passado com a lei.”

A irritação dela deu lugar à surpresa. “Você... você levou uma surra e foi preso por ele? É muito generoso. E burro.”

“É como eu disse, o Julian é meu amigo. Não tenho muitos sobrando.”

O rapaz se levantou lentamente com um alongamento forte. “E você? Como veio parar aqui?”

“Mesma coisa”,

Ashe respondeu com cuidado, reexaminando-o. Ele não podia ser mais velho que ela, talvez fosse até mais jovem, mas alguma coisa nele dizia que aquele rapaz já havia vivido bastante. “Um mal-entendido.”

“Então, eu acho que temos alguma coisa em comum.”

Ele se aproximou das grades que separavam as celas e estendeu a mão para ela. “Senhorita...?”

Ela hesitou por um instante. O lance da encrenca é que, quando você se acostuma com ela, fica fácil de notar onde tem. E, perto dos irmãos Bonney, aquele garoto parecia um cachorrinho. Ela apertou a mão dele. “Pode me chamar de Ashe. E quem é você?”

“Meu nome é Jesse.”

O sorriso dele ficou ainda maior. “Jesse McCree.”





